



O AGRO NÃO É TUDO!

TERRITÓRIOS DE VIDA

RESISTEM!

DICIONÁRIO POLÍTICO DA
Articulação Agro é Fogo

**AGRO
É FOGO**

APRESENTAÇÃO

Este material é um **dicionário político da Articulação Agro é Fogo**. Nele, 18 verbetes buscam desconstruir os conceitos e as mentiras do agronegócio que vemos repetidos o tempo todo na grande mídia, nos discursos oficiais e no senso comum, como se fossem verdade.

Os verbetes mostram como o avanço do agro afeta a vida no chão dos territórios de povos e comunidades do campo, gerando violência, exploração e degradação ambiental.

Ao mesmo tempo, esse processo não diz respeito apenas a essas pessoas e chega até quem está nas cidades, impactando a qualidade e o preço do que comemos, o clima e muito mais. Apesar disso, há quem esteja lucrando com toda essa destruição.

Seguimos aqui os princípios da educação e da comunicação populares. A ideia é tornar mais acessíveis análises complexas realizadas nas três fases do **dossiê da Articulação Agro é Fogo**. Assim, esperamos que este material, destinado a movimentos sociais e organizações de base comunitárias, possa contribuir para estimular a reflexão nos territórios.

Boa leitura!

MANUAL DE USO DO DICIONÁRIO



Todos os Verbetes

PARTE 1:
Pra começo de conversa

PARTE 2:
O agro é fogo

PARTE 3:
Mundo em chamuscas

PARTE 4:
Do chão dos territórios

A NAVEGAÇÃO

Você pode clicar no menu para ir de um verbete a outra parte do dicionário, ou para voltar ao índice principal.



SESSÃO

Roda de conversa

Nesta seção, você encontra desenhos e perguntas disparadoras para discussão nas comunidades.

PARA APROFUNDAR e MERGULHE MAIS FUNDO



PUBLICAÇÃO



VÍDEO



SITE

Você pode clicar para acessar publicações, vídeos ou sites para saber mais sobre os temas de cada verbete ou seção. As sugestões são as principais referências usadas neste material.

ÍNDICE

Todos os verbetes



Clique nos verbetes para navegar

PARTE 1:

PRA COMEÇO DE CONVERSA

- 1** O agro não é tudo: o que é agronegócio? p. 4
- 2** O agro é fome: *commodities* e monoculturas p. 6
- 3** Povos e comunidades tradicionais: territórios de vida p. 8
- 4** Agricultura dos povos e comunidades: comida de verdade e diversidade p. 9

PARTE 3:

MUNDO EM CHAMAS

- 10** Emergência climática p. 21
- 11** Capitalismo verde e falsas soluções contra a emergência climática p. 23
- 12** REDD e mercado de carbono p. 24
- 13** Protocolos, acordos e convenções p. 27
- 14** Preservacionismo X conservacionismo p. 28

PARTE 2:

O AGRO É FOGO

- 5** Fronteira agrícola e mineração p. 12
- 6** Conflitos no campo p. 14
- 7** O uso do fogo como arma p. 16
- 8** Grilagem, desmatamento e desmatamento ilegal p. 18
- 9** O agro é exploração e escravidão p. 19

PARTE 4:

DO CHÃO DOS TERRITÓRIOS

- 15** Reforma agrária popular p. 31
- 16** Os usos tradicionais do fogo p. 33
- 17** Terras-Territórios em conexão p. 36
- 18** Sociobiodiversidade p. 37



PRA COMEÇO DE CONVERSA

1 O agro não é tudo: o que é agronegócio?

Você já deve ter visto a propaganda “Agro é tech, Agro é pop, Agro é tudo”, veiculada desde 2016 na TV Globo. Nas imagens, o agronegócio parece estar em tudo que é importante: nas roupas, nos pneus e no combustível de carros e motos, naquilo que se come diariamente, nos remédios e muito mais. “Tudo vem do agro”, diz o narrador, que conclui: o agro é “a indústria-riqueza do Brasil”.

A ideia “pegou” e é repetida por muita gente que se identifica com as imagens. Nelas, aparecem tratores e plantações a perder de vista em grandes fazendas, além de famílias felizes de consumidores e de produtores colhendo alimentos, inclusive quilombolas. “Agricultura familiar é agro”, diz uma delas.

Com isso, até mesmo alguns pequenos agricultores se sentem representados pela propaganda, **como se não houvesse muita diferença entre o agronegócio e a agricultura que praticam. Mas seria isso mesmo verdade?**

O termo “agronegócio” é a tradução da palavra inglesa *agribusiness*, inventada nos Estados Unidos na década de 1950. No Brasil, passou a ser usada nos anos 1990, para dar uma imagem mais “moderna” ao setor, historicamente associado ao latifúndio, à violência e ao atraso.

A década de 1990 foi marcada por forte organização e luta por reforma agrária, mas também por muitos assassinatos no campo, com dois grandes **massacres** de trabalhadores rurais: o de Corumbiara (1995, em Rondônia) e de Eldorado dos Carajás (1996, no Pará). Era preciso “limpar a barra” do agronegócio.

A campanha que vemos na TV tem essa proposta e faz a gente acreditar que, sem o agronegócio, nem existiríamos. Agora, até mesmo as músicas nos dizem que o agro é a salvação do Brasil, exaltando seus símbolos. A ideia vai tomando conta da nossa mente e, quando nos damos conta, estamos defendendo o agro!



Somos levados a crer que tudo é o agro, ou que “o agro é tudo”, quando são poucos fazendeiros, empresários e grandes corporações multinacionais que lucram. É isto mesmo: na verdade, o agronegócio é formado por **latifundiários e empresários** do campo, pelas **indústrias** que vendem máquinas, insumos e agrotóxicos (boa parte delas estrangeiras), e pelas **redes de distribuição** dos produtos. São esses atores que recebem os **maiores investimentos do governo**, ao contrário dos poucos recursos destinados à agricultura dos povos e comunidades do campo.

Basta vermos o Plano Safra 2023/2024: **o agronegócio vai receber quase 5 vezes mais investimentos e créditos do que a agricultura familiar**. E o agronegócio não é só beneficiado por financiamento público e privado, como também por um **conjunto de políticas**: de infraestrutura (como construção de estradas e portos); de retirada de direitos e flexibilização das leis trabalhistas e ambientais; de legalização da grilagem disfarçada de regularização fundiária, entre outras.

Você tem acesso a todos esses incentivos na sua comunidade? Então, é preciso dizer: **você não é o agro, o agro não é você**. Os outros verbetes vão ajudar a entender melhor. ◇

PARA APROFUNDAR:



[AGRO É FOGO] O AGRONEGÓCIO E O ESTADO BRASILEIRO: QUEM LUCRA QUANDO A BOIADA PASSA? Por Karina Kato



2 O agro é fome: commodities e monoculturas

Outra mentira repetida por aí é a de que “o agro alimenta o Brasil”. No entanto, o agronegócio impõe ao campo um modelo de produção que gera justamente o contrário: **a fome**. Já parou pra pensar em como a fome aumentou nos últimos anos, se o Brasil tem mais bois do que habitantes e se os ganhos do agro só crescem?

A questão é que, como o próprio nome já diz, o agronegócio **transforma a terra em negócio**, com a renda concentrada nas mãos de poucos. Sua produção não é de comida: é de **mercadorias**. São as chamadas **commodities agrícolas**, produtos vendidos a países do mundo com preços determinados pelo mercado financeiro.

O Brasil produziu em 2023 mais de 322 milhões de toneladas de grãos, um recorde¹. O agro, então, está produzindo muito arroz e feijão, a base da nossa alimentação? De jeito nenhum! A maior fatia dessa produção - 88%, mais de 286 milhões de toneladas - foi de **soja e milho**, que se destinam à fabricação de ração, no Brasil e no exterior.

Para se ter uma ideia, a produção de arroz no mesmo período foi de 10 milhões de toneladas, e a de feijão, 3 milhões de toneladas, totalizando apenas 4% da produção.

Tanto a soja quanto o milho são produzidos em sistemas de **monocultivo**, ou seja, grandes plantações de um único produto. Suas sementes padronizadas ou transgênicas são compradas de grandes corporações, e precisam de **agrotóxicos e agroquímicos**, também vendidos por essas empresas. As monoculturas poluem a água e o ar, contaminam o solo e levam a uma perda da diversidade de alimentos, de vegetação, de animais. Não custa lembrar: **o agro é tóxico, e nos envenena todos os dias!**

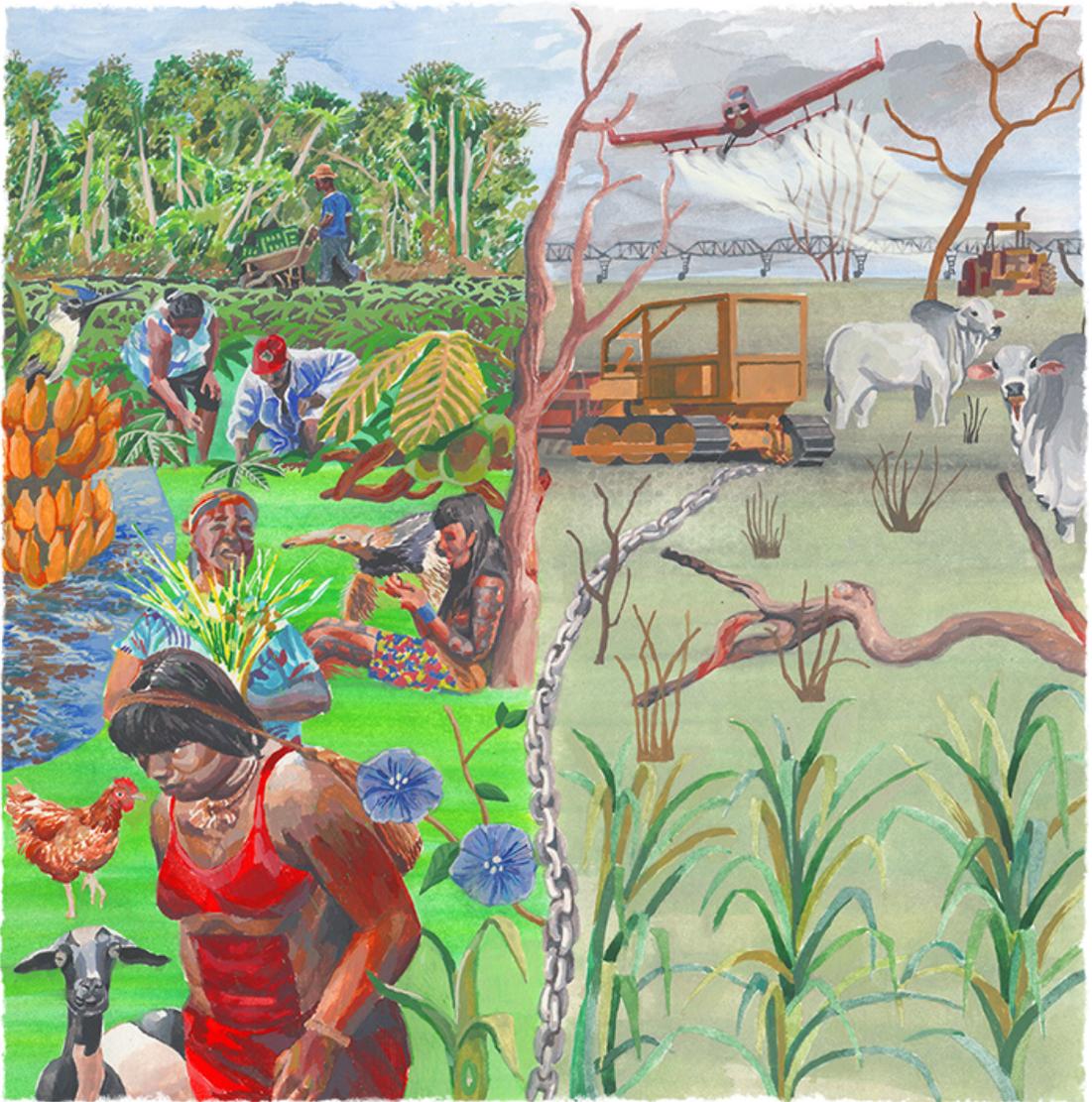
Por isso dizemos que **as monoculturas são verdadeiros desertos alimentares** e que o modelo produtivo do agronegócio **ameaça a soberania alimentar**. ◇

PARA APROFUNDAR:



[AGRO É FOGO] AGRO É FOME: A EROSIÃO DA AGROBIODIVERSIDADE E DAS CULTURAS ALIMENTARES *Por Sílvia Isoppo Porto e Diana Aguiar*

1. Conab. ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA de grãos. 12º LEVANTAMENTO, SAFRA 2022/23.



Roda de conversa

Quais as diferenças entre o agronegócio e a agricultura dos povos e comunidades das águas, das florestas, dos campos e dos cerrados?



3 Povos e comunidades tradicionais: territórios de vida

Como o agro não é tudo, felizmente o campo brasileiro é muito mais do que monoculturas sem graça e sem gente. Povos e comunidades tradicionais compõem a imensa **diversidade de modos de existir que resistem nos territórios**. Suas vidas se expressam em diferenças sociais, econômicas, políticas e culturais, específicas de cada lugar.

São povos e comunidades que dependem das águas, das florestas, dos campos e dos cerrados para viver, se relacionam com eles intensamente, e deles tiram seu sustento. Assim, contribuem para a construção e a conservação da sociobiodiversidade. **Terra, aqui, é sinônimo de trabalho e vida, não de negócio.**

Os indígenas, por exemplo, são mais de 300 povos, com costumes próprios e cerca de 270 línguas. Além deles, há muitas comunidades tradicionais que também possuem identidades particulares: quilombolas, quebradeiras de coco babaçu, raizeiras, apanhadoras de flores, ribeirinhas ou beiradeiras, de fundo e fecho de pasto, pescadoras, vazanteiras, retireiras, seringueiras, geraizeiras, pantaneiras... Isso sem falar nos acampamentos e assentamentos da reforma agrária.

Com profundo conhecimento sobre seus **territórios**, construíram tecnologias e complexos sistemas produtivos que conjugam as roças e a criação de animais com outros meios de vida, como a coleta, a pesca e a caça. Isso garante **produtividade, fartura** e certa autonomia: não é preciso comprar tudo para viver.

Não à toa, pela riqueza que guardam, ocupam os lugares mais cobiçados pelo avanço do agro, da exploração madeireira e da mineração.

Por fim, é bom lembrar que o nome “tradicionais” não se refere a algo estático, parado no tempo. As comunidades estão constantemente reinventando suas formas de ser, se relacionando umas com as outras e estabelecendo teias e movimentos sociais. ◇

PARA APROFUNDAR:



NO PANTANAL TEM GENTE!



VEREDEIROS DÃO VIDA AO TERRITÓRIO



AS MULHERES DO CERRADO ESTÃO EM PÉ EM EM LUTA
Episódio 3: Resistências coletivas das Cerradeiras



4 Agricultura dos povos e comunidades: comida de verdade e diversidade

A agricultura desempenhada pelos povos e comunidades tradicionais pode ganhar nomes e conceitos diferentes: agricultura camponesa, agricultura tradicional, agricultura familiar, agricultura quilombola, agricultura indígena... O que une todas elas e por que se diferenciam do agronegócio?

As roças, os roçados e os quintais produtivos das comunidades apresentam uma outra relação com a terra, em comparação à agricultura empresarial, e **produzem a maior parte do que comemos no dia a dia**.

Os alimentos cultivados não são apenas mercadorias. Sua produção acontece com base em conhecimentos, saberes e tecnologias transmitidos nas comunidades de geração em geração, por séculos e até milênios. Eles contam histórias e têm sabores repletos de **memória, carinho e afeto**. Por isso, são também **cultura**.

Em vez de sementes geneticamente modificadas e uniformizadas que dependem de muitos insumos e agrotóxicos para produzir em qualquer parte, a agricultura dos povos e das comunidades utiliza **sementes adaptadas** aos diferentes ambientes e lugares. São as sementes nativas, caboclas, tradicionais, da paixão, da fartura ou crioulas, desenvolvidas a partir do convívio com a vegetação, os animais, os solos e o clima.

Em uma roça, uma variedade grande de alimentos é cultivada. Assim, a agricultura dos povos e das comunidades **produz mais diversidade, no lugar das monoculturas**. Além disso, os circuitos de comercialização são locais ou regionais, possibilitando que haja mais contato entre quem produz e quem consome, evitando o desperdício e os longos trajetos.

Com base nos seus ensinamentos, o movimento da agroecologia foi criado. É essa agricultura que produz a “**comida de verdade, no campo e na cidade**”, fundamental para a soberania alimentar. ◇



Roda de conversa

Quais os elementos de seu território que o tornam terra de vida e não de negócio?

Quais os significados que esses elementos têm para você e sua comunidade?



MERGULHE MAIS FUNDO



Saberes dos Povos do Cerrado e Biodiversidade

Campanha Nacional em Defesa
do Cerrado e Actionaid (2020)



Comunidades tradicionais

Repórter Brasil (2018)



Dos Cerrados e de suas riquezas: de saberes vernaculares e de conhecimento científico

Fase e Comissão Pastoral da Terra (2019)



Vivendo em territórios contaminados: um dossiê sobre agrotóxicos nas águas do Cerrado

Campanha Nacional em Defesa do Cerrado,
Comissão Pastoral da Terra e Fiocruz (2023)



Campanha permanente contra os agrotóxicos e pela vida



O AGRO É FOGO

5 Fronteira agrícola e minerária

Quando se fala em fronteira podem vir à mente os limites geográficos entre dois países. Fronteira agropecuária ou minerária, no entanto, se refere a uma outra situação: **a do avanço do capital sobre os territórios e os bens comuns**. É na fronteira que florestas, campos, cerrados e as casas das comunidades vão sendo destruídos para que o agronegócio, a mineração e grandes projetos de infraestrutura se estabeleçam.

Da mesma maneira que o agro transforma a terra em negócio para produzir *commodities* agrícolas, empresas mineradoras extraem os minérios de debaixo da terra para transformá-los em *commodities* minerais. Ou seja, o que antes era um bem comum a toda população **se torna mercadoria**, apropriada e vendida para gerar lucro a um pequeno grupo. O mesmo acontece com as florestas e até com a água.

Boa parte desses bens estão **em terras públicas ou em territórios de povos e comunidades tradicionais** que, muitas vezes, não detêm os títulos ou a demarcação de suas terras. O capital quer se apropriar dessas áreas “por desbravar”, aproveitando a terra mais barata ou a ser grilada. É nessa hora que a fronteira avança.

O avanço da fronteira traz o discurso do “desenvolvimento”: estabelecer os grandes empreendimentos seria “desenvolver” a região, contra o “atraso” dos povos e comunidades. A pergunta que fica é: desenvolvimento para quem? E essas comunidades são mesmo “atrasadas”?

A expansão da fronteira agrícola está sempre relacionada a conflitos, grilagem de terras, desmatamento, incêndios florestais e trabalho escravo.

▼ CONTINUA



Quando o agro e a mineração se territorializam, eles expulsam as famílias que ali estavam ou geram destruição de seus meios de vida. Assim, tornam tudo **homogêneo**: nas cidades, as pessoas passam a ser mão de obra, consumidoras e adequadas ao sistema capitalista. Por isso, dizemos que esse é um processo de **colonização**. ◇

PARA APROFUNDAR:



ARCO DO DESMATAMENTO NA AMAZÔNIA



[AGRO É FOGO] MINERAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO SUBDESENVOLVIMENTO: AS FRONTEIRAS MINAS-BAHIA E AMAZÔNIA ORIENTAL

Por Tádzio Peters Coelho, Gustavo Iorio e Charles Trocate



[AGRO É FOGO] A EXPANSÃO DA MINERAÇÃO EM TERRAS INDÍGENAS: A BOIADA COM CASCO DE FERRO E DE OURO

Por Luis Ventura



6 Conflitos no campo

Você já parou pra pensar que a violência contra povos e comunidades do campo marca a história do Brasil desde o desembarque das primeiras caravelas portuguesas, com a invasão e a apropriação dos territórios?

Os conflitos no campo acontecem em **disputas por terra, água e trabalho**. Eles têm duas faces:

- a **violência** cometida por fazendeiros, empresários e governos contra povos indígenas, comunidades do campo e trabalhadores e trabalhadoras rurais;
- a **resistência** desses povos, comunidades, trabalhadores e trabalhadoras, como as mobilizações, as greves, as ocupações, os acampamentos e as retomadas.

Quando a fronteira avança, estão em confronto **duas lógicas territoriais**: de um lado, a terra de negócio e exploração; de outro, territórios de vida e trabalho. Como essa disputa é também por bens comuns, os conflitos acabam tendo duas dimensões interligadas: a territorial e a ambiental. Nesse processo, a grilagem é peça fundamental.

Esse confronto, entretanto, **é assimétrico**. Povos e comunidades resistem bravamente, e defendem com seus próprios corpos os territórios de que fazem parte. Já o agro tem em suas mãos poder, armas, pistoleiros, recursos e, muitas vezes, apoio da polícia e do Estado. Não à toa, somente pessoas das comunidades têm sido assassinadas, apesar de serem elas as acusadas de crimes e baderna.

O saudoso professor Carlos Walter Porto-Gonçalves falava em **R-EXISTÊNCIA: resistir é uma condição para continuar existindo**. Sem seus territórios, as formas de viver desses coletivos são aniquiladas. Quando se rouba um território, são destruídos modos de viver, saberes, tecnologias, remédios e muito mais.

Assim, a luta por terra e território é uma luta contra a monocultura da vida. ◇

PARA APROFUNDAR:



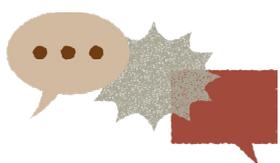
[AGRO É FOGO] NO RASTRO DO FOGO: CONFLITOS TERRITORIAIS



O “DIA DO FOGO” NO PDS TERRA NOSSA



O TERRITÓRIO XAVANTE EM AMEAÇA: RESISTIR PARA NÃO DIVIDIR



Roda de conversa

Quais são as principais ameaças aos territórios dos povos e comunidades na sua região?

Quem são os atores envolvidos e quais seus objetivos?



7

O uso do fogo como arma

Nos conflitos no campo, o fogo tem sido usado historicamente por fazendeiros, empresários e grileiros de duas maneiras diferentes:

O USO DO FOGO COMO ARMA DE FORMA DIRETA E EXPLÍCITA

Esse tipo de violência acontece quando jagunços invadem os territórios e queimam roças, casas e pertences das famílias, casas de reza, casas de farinha, escolas e outros espaços comunitários. O objetivo dos mandantes é aniquilar o que foi construído pelas pessoas, impor medo e, assim, **expulsar e ameaçar** os povos do campo.

INCÊNDIOS FLORESTAIS OU QUEIMADAS CRIMINOSAS: DESTRUIÇÃO DAS CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA

Esse tipo de violência acontece quando se coloca fogo propositalmente em matas, campos ou cerrados, e é associada à invasão de terras, à grilagem e ao desmatamento. Os incêndios se alastram especialmente na estação seca. Com isso, podem **destruir boa parte do território** de uma comunidade e causar cicatrizes que perduram, comprometendo a coleta, a caça, a pesca e outras atividades fundamentais para o sustento e a vida.

Geralmente, são causados por invasores de forma distante e anônima, e, muitas vezes, são atribuídos a causas naturais. Com isso, há muita morosidade para investigar os casos ou, até mesmo, ausência de investigações para responsabilizar os culpados.

Há algumas reflexões sobre os termos usados para se referir a esse tipo de fogo. Para diferenciar das queimadas naturais ou dos usos tradicionais do fogo, preferimos usar os termos “**incêndios**”, “**incêndios florestais**” ou “**queimadas criminosas**” para o fogo capitalista do agro-negócio. Isso porque, na mídia, as “queimadas” costumam aparecer sem ter um causador definido, como se fossem naturais.

Os grandes incêndios de 2019 e 2020 nos mostraram que elas foram criminosas, combinadas por fazendeiros, com início ao mesmo tempo, tanto na Amazônia, como no Pantanal. ◇

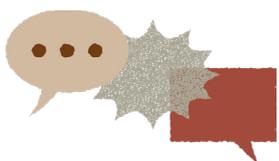
PARA APROFUNDAR:



[AGRO É FOGO] ARMAS NA DISPUTA POR CONTROLE TERRITORIAL:
OS USOS CAPITALISTAS DO FOGO CONTRA OS POVOS DO CAMPO
Por Gustavo Serafim



[AGRO É FOGO] FOGO NO PANTANAL: É A CASA DAS
COMUNIDADES TRADICIONAIS PANTANEIRAS QUE QUEIMA
Por Cláudia Sala de Pinho



Roda de conversa

Quais são as causas das
queimadas na região onde
você vive?

De que modo elas impactam
a vida das pessoas, seja no
campo ou na cidade?



8 Grilagem, desmatamento e desmatamento ilegal

O uso do fogo na cadeia do agronegócio está sempre associado à grilagem de terras e ao desmatamento, na expansão da fronteira agrícola. Por isso, dizemos que o fogo do agro faz parte do **ciclo desmatamento-incêndios-grilagem**.

A grilagem é a apropriação indevida de terras públicas, inclusive de territórios de comunidades ainda não demarcados ou titulados, com fraudes nos cartórios. Ou seja, ela acontece de forma ilegal **no papel**, com títulos falsos, mas também **no chão dos territórios**, marcadamente com uso de **violência e pistolagem**. Dessa forma, um grileiro se torna “dono” de uma terra de forma ilegal.

Nesse processo, o fogo pode ser colocado sobre uma área para disfarçar essa invasão ou para **encobrir um desmatamento “ilegal”**. Em outros casos, ele é usado para apenas **concluir o processo de desmatamento considerado “legal”**, limpando o terreno no preparo para pastagens ou monocultivos.

É difícil diferenciar muitas vezes o desmatamento legal do ilegal. O Estado tem emitido permissões e licenças “legais” para desmatar mesmo em terras que foram griladas e apropriadas ilegalmente. Além disso, em vários momentos, são concedidas **anistias** a desmatadores e grileiros, ou seja, o Estado “perdoa” o crime anterior de desmatamento e grilagem, regularizando as áreas roubadas.

Assim, mesmo o desmatamento “legal” no sentido estrito pode ter sido legalizado sob um manto de irregularidades. ◇

PARA APROFUNDAR:



[AGRO É FOGO] A BOIADA ESTÁ PASSANDO: DESMATAR PARA GRILAR Por Diana Aguiar e Mauricio Torres



[AGRO É FOGO] PRESIDÊNCIA E PARLAMENTO A SERVIÇO DOS GRILEIROS: LEGISLAR PARA GRILAR Por Joice Bonfim e Larissa Parker



DESMATAMENTO E GRILAGEM



9 O agro é exploração e escravidão

O avanço da fronteira agrícola e as atividades agropecuárias, madeireiras e de mineração, além de trazerem degradação ambiental, baseiam-se na exploração de trabalhadores e trabalhadoras. Historicamente, pessoas são escravizadas nas derrubadas para implantação de novas fazendas, muitas delas em terras griladas.

O **trabalho escravo** dos dias de hoje apresenta quatro características: o trabalho forçado, a servidão por dívidas, a jornada exaustiva e o trabalho degradante. A escravidão desumaniza e rouba a dignidade de quem trabalha, e **trata o ser humano como coisa**, como um animal.

O agronegócio é o setor econômico que mais escraviza no Brasil. Entre 1995 e o começo de outubro de 2023, cerca de **49 mil pessoas** haviam sido resgatadas do trabalho escravo em atividades de desmatamento, pecuária, monocultivo de árvores, plantio de cana-de-açúcar e outras lavouras temporárias e permanentes². Mas não é só isso: o agro, quando expulsa as comunidades de sua terra, também promove o trabalho escravo.

Quando as pessoas de uma comunidade perdem seu território ou veem ele ser reduzido, elas perdem também as **condições necessárias para sua existência**: as fontes de seu sustento deixam de existir. Sem terra para trabalhar por conta própria, e sem possibilidade de fazer coleta, pesca ou caça, é preciso trabalhar na terra alheia, explorado. Quanto maior a necessidade, maior a chance de cair nas malhas da escravidão.

Portanto, o trabalho escravo é alimentado pela concentração fundiária, pelo abandono dos assentamentos de reforma agrária e pela invasão de territórios tradicionais. Assim, garantir a essas comunidades o acesso à terra e a permanência em seus territórios, com fartura e vida digna, é a melhor estratégia para se combater a escravidão. ◇

PARA APROFUNDAR:



[AGRO É FOGO] TRABALHO ESCRAVO, EXPROPRIAÇÃO E DEGRADAÇÃO AMBIENTAL: UMA CONEXÃO VISCERAL Por Carolina Motoki e Ginno Perez



2. Dados compilados pela Campanha De Olho Aberto para não virar escravo/Comissão Pastoral da Terra.



MERGULHE MAIS FUNDO



**O que fica quando os minérios saem?
Informações para uma análise crítica
do modelo mineral**

Fase e PoEMAS (2021)



A mineração vem aí... E agora?

Fase e PoEMAS (2021)



**Fogo como arma contra
povos e comunidades**

Conflitos no Campo Brasil 2020/ Comissão
Pastoral da Terra



**O fim do governo Bolsonaro e
a ameaça do agronegócio**

Le Monde Diplomatique Brasil (2023).



**Legalizando o ilegal: legislação
fundiária e ambiental e a expansão
da fronteira agrícola no Matopiba**

Associação de Advogados/as de Trabalhadores/as
Rurais (2020)



**De 1995 a 2022: o trabalho escravo
contemporâneo a partir dos dados
sistematizados pela Comissão Pasto-
ral da Terra**

Conflitos no Campo Brasil 2022/Comissão
Pastoral da Terra



Tribunal dos Povos do Cerrado



MUNDO EM CHAMAS

10 Emergência climática

Não dá mais pra negar: o mundo vive uma emergência climática e você já deve ter sentido na pele os efeitos. Dias de calor ou frio intensos fora de época, tempestades, enchentes e secas sem precedentes nos mostram que já vivemos uma catástrofe. Mas o que gera tudo isso?

Desde a revolução industrial, no século 19, as emissões de **gases de efeito estufa**, que fazem a temperatura da Terra subir, aumentaram vertiginosamente, em especial o gás carbônico. Eles são produzidos pelas atividades que queimam principalmente **carvão, petróleo ou derivados** como combustíveis.

Essa queima aumenta na medida em que o sistema capitalista impõe uma série de necessidades e promove a produção desenfreada de coisas e mercadorias, distribuídas por cadeias globalizadas de transporte. Pode não parecer, mas o petróleo está em praticamente tudo que utilizamos, e ele é a base energética da economia mundial.

Ao mesmo tempo, para essa produção, os bens comuns são cada vez mais explorados. O **desmatamento e os incêndios florestais** também geram emissões desses gases. Por isso, chamamos a queima de combustíveis e as queimadas criminosas de **“fogo capitalista”**. É esse duplo movimento que gera o aquecimento global, nos fazendo crer que isso é “desenvolvimento”.

Os países industrializados do **norte do mundo**, que também consomem em maior quantidade, são os maiores responsáveis e principais beneficiados por essa destruição. No entanto, quem vive neles sente os efeitos de forma diferente de quem está no Brasil. Ao mesmo tempo, aqui, enquanto uns estão no conforto do ar-condicionado e lucrando com a situação, comunidades enfrentam a falta de água, a perda dos roçados e altas temperaturas. Por isso, falamos também em **injustiça climática e racismo ambiental**.

Assim, é o próprio funcionamento do modo de produção capitalista que gera essa crise. Ele já se mostrou insustentável em muitos níveis e, se não for interrompido, vai nos levar ao fim do mundo. ♦



Roda de conversa

Considerando a dependência de agrotóxicos e agroquímicos, as cadeias longuíssimas de distribuição, o desmatamento e os incêndios, qual a responsabilidade do agronegócio em relação ao caos climático?



11 Capitalismo verde e falsas soluções contra a emergência climática

Se o que gera a emergência climática é o fogo capitalista e o desmatamento, qual seria a solução para evitar o fim do mundo? É preciso ter muito cuidado para não cairmos nas falsas soluções, como se houvesse saída dentro da **lógica destrutiva do capitalismo**, ou um “capitalismo verde”.

Somente uma mudança estrutural no modo de produção e na sua matriz energética irá, de fato, nos livrar do caos. No entanto, as propostas apresentadas até agora, especialmente pelos países industrializados, responsáveis pela maior parte das emissões, são **falsas soluções**: economia de baixo carbono, desmatamento líquido zero, soluções baseadas na natureza...

Esses nomes complicados dizem somente uma coisa: esses países não estão dispostos a rever e transformar a maneira de viver para salvar o planeta, nem as empresas a abrir mão de lucros bilionários.

Até mesmo propostas de comunidades de recuperação de áreas de florestas ou de convivência com os territórios são distorcidas. Por exemplo, grandes empresas dizem “reflorestar” e “plantar florestas”, quando na verdade estão promovendo **monoculturas de árvores**, como eucalipto, que expulsam as pessoas e os animais, desmatam a vegetação nativa, degradam a terra e secam a água. São desertos verdes, sem diversidade de vida.

A maior parte das falsas soluções se baseia na ideia de **compensação**: quando um dano é causado, se tenta “compensar” com algo que, em tese, alivie os impactos. Mas a compensação enxerga o mundo apenas sob uma **perspectiva financeira** e não vê a importância única que cada lugar tem, inclusive para as comunidades que vivem ali.

Quando se constrói uma hidrelétrica e ribeirinhos e pescadores têm de sair, existe alguma compensação justa para a perda do rio? Os danos e as cicatrizes permanecem nas pessoas e nos territórios por gerações. Em quanto tempo a vida destruída pode se refazer?

Assim, as falsas soluções possibilitam que **mais territórios sejam invadidos e apropriados** pelas atividades extrativas das empresas, pelo agronegócio e por grandes empreendimentos. ◇

PARA APROFUNDAR:



[AGRO É FOGO] AMÉRICA DO SUL: A DESTRUIÇÃO “VERDE” DA FLORESTA AMAZÔNICA Por Secretariado Internacional do Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais (WRM)



12 REDD e mercado de carbono

Você já ouviu falar em mercado de carbono? Ele se baseia na ideia de compensação: se uma empresa polui, ela poderia “compensar” esse dano comprando “**créditos de carbono**”. Complicado? Bastante! Vamos tentar decifrar essa questão.

Quando um avião faz uma viagem, ele emite uma grande quantidade de carbono (se um carro já polui, imagina um avião!). As empresas aéreas prometem **reduzir a zero** suas emissões. Afinal, é possível que um voo não emita mais carbono? Não! Usando derivados do petróleo como combustível, sempre haverá emissões.

O que elas propõem então? As empresas elaboram uma conta para mostrar que a mesma quantidade de carbono será retirada da atmosfera por uma floresta ameaçada em outro lugar. Ou seja, as florestas protegidas **supostamente** absorveriam a mesma quantidade de carbono emitido pelas empresas, **zerando ou neutralizando a poluição**.



Na outra ponta, estão os projetos de REDD (sigla em inglês para Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal).

Uma floresta supostamente ameaçada é escolhida para instalar o projeto. É feita uma estimativa de quanto dessa área seria desmatada, em um período entre 30 e 50 anos. A partir daí, o projeto de REDD se instala e diz que vai “proteger” essa floresta, **evitando o desmatamento**. É feito um cálculo da quantidade de carbono “capturada” pela área preservada. São os créditos de carbono a serem vendidos às **empresas poluidoras**, maior parte delas nos países ditos “desenvolvidos”.

▼ CONTINUA



Na verdade, as empresas estão comprando o direito de poluir, pois **não diminuem suas atividades**. Tomando o exemplo das companhias aéreas, elas não reduzem o número de voos, pelo contrário: querem que o tráfego aumente pois, assim, lucram cada vez mais.

Assim, as empresas, para continuarem suas emissões de carbono - isto é, para continuarem poluindo - compram os créditos, como se isso fosse resolver o problema. Elas não param de poluir e de contribuir para o aquecimento global. É uma lógica completamente invertida, ou melhor, uma lógica inventada para que as empresas continuem com seus lucros, mesmo às custas do planeta.

Além do mais, os projetos de REDD não se instalam em uma área de floresta realmente ameaçada pelos interesses do agro ou da mineração, pois essas atividades continuam gerando mais lucro do que os créditos de carbono. Dessa forma, os projetos de REDD **não impedem de fato o desmatamento**.

Por outro lado, as áreas cobiçadas pelos projetos de REDD são **territórios de comunidades**. Em troca de dinheiro, elas são **impedidas de usar suas florestas** e de realizar atividades fundamentais para seu sustento. Ou seja, para esses projetos, quem ameaça as florestas é o modo de vida de povos e comunidades tradicionais. Eles se instalam nos seus territórios dizendo que vão impedir que desmatem. Isso é uma grande mentira! Não são eles os desmatadores: sua convivência há séculos com essas florestas as mantiveram vivas e de pé.

Com isso, os verdadeiros desmatadores e as empresas poluidoras saem ilesos, enquanto as comunidades enfrentam violações, graves problemas, conflitos e divisões provocados pelos projetos.

Por isso é uma falsa solução: pois garante apenas o direito das empresas de poluir, ao mesmo tempo em que acaba com modos de vida que sempre mantiveram as florestas vivas. ◇



Roda de conversa

Quem ganha com o mercado de carbono? Se você deixar de usar o território da sua comunidade, há algum valor em dinheiro que “compense” esta perda? Você acha uma boa ideia entregar o destino do planeta àqueles que somente visam ao lucro?



13

Protocolos, acordos e convenções

A partir dos anos 1990, encontros climáticos começaram a ser realizados, com o intuito de discutir propostas para evitar o aquecimento global. Você já deve ter ouvido falar em convenções, protocolos e acordos internacionais promovidos pelas Nações Unidas (ONU).

As saídas apontadas, no entanto, em nada têm contribuído para mudar a situação, e algumas delas acabam fomentando mais destruição.

O Acordo de Paris (2015), por exemplo, foi assinado com o compromisso de os países reduzirem as emissões de gases de efeito estufa até 2030, evitando o caos climático. Dentre as alternativas estão falsas soluções, como a expansão dos **monocultivos de árvores** e a **compensação das emissões de carbono**, o que é bastante grave. Elas não propõem mudanças estruturais no sistema de produção e, pelo contrário, reforçam a transformação de absolutamente tudo em mercadoria, base do capitalismo.

As empresas têm pressionado as convenções climáticas para que o mercado de carbono se torne um consenso, como o único caminho a seguir. Isso porque, como vimos, ele permite que as corporações continuem em expansão, **extraíndo e queimando petróleo**. Elas, inclusive, até lucram com um novo mercado criado, com novas fronteiras abertas, tornando territórios de comunidades mercadorias.

Como se não bastasse, a ONU e governos do mundo todo têm apostado no “**engajamento do setor privado**”, ou seja, nas empresas como os agentes que irão solucionar a questão climática. Até mesmo o agronegócio tem apresentado “soluções”. Já sabemos o que nos trouxe até aqui, e aonde isso pode nos levar.

Tudo isso acaba colocando uma **névoa sobre as causas reais** da emergência climática. Enquanto propagam falsas soluções, podemos ter a impressão de que o problema está sendo resolvido de alguma forma, quando o que acontece é justamente o contrário. ◇



14 Preservacionismo X conservacionismo

Ao usarmos as palavras preservação e conservação, estamos falando a mesma coisa? Em bom português, podemos dizer que sim, mas, nas políticas socioambientais, elas querem dizer coisas diferentes. Nessas discussões, existem duas correntes de pensamento:

- a **preservacionista**, que pensa que as florestas, campos, cerrados e áreas protegidas não devem ter **nenhuma ação humana** e que, portanto, não devem ser ocupadas por pessoa alguma, muito menos comunidade;
- a **conservacionista**, que já parte de outro princípio: se as florestas, campos e cerrados estão conservados, é porque são **ocupados por povos e comunidades** por séculos, que convivem em equilíbrio com eles.

Assim, é preciso ter cuidado com a defesa irrestrita das unidades de conservação e áreas protegidas. Sua implantação sempre deve vir associada à **defesa dos direitos territoriais** de povos e comunidades que sempre as conservaram, fazendo com que as florestas, os cerrados e os campos se **mantivessem vivos e existissem até hoje**. Esses grupos já estavam lá mesmo antes de sua delimitação e, em alguns casos, antes mesmo de o próprio Estado existir.

Tome cuidado para não se confundir, pois até mesmo grandes ONGs que se dizem conservacionistas promovem a ideia de que as comunidades ameaçam esses territórios. ◇



Roda de conversa

Qual a relação de povos e comunidades tradicionais com as florestas, os campos e os cerrados no Brasil?

Que benefícios essa relação traz para a sociedade brasileira?



MERGULHE MAIS FUNDO



Fogo bom, fogo mau, quem decide? Uma reflexão sobre o fogo e as florestas

Movimento Mundial pelas
Florestas Tropicais (WRM, 2018)



Quando o único 'verde' é o do dinheiro: a violência e as mentiras da economia 'verde'

Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais
(WRM, 2023)



10 Alertas sobre REDD para comunidades

Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais
(WRM, 2012)



Soluções Baseadas na Natureza: arma milagrosa para salvar o clima ou "solução final" para as florestas e seus povos?

Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais
(WRM, 2022)



2020: Mais acordos para aumentar o desmatamento

Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais
(WRM, 2020)



Conferências do Clima e Agendas Políticas

Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais
(WRM, 2023)



DO CHÃO DOS TERRITÓRIOS

15 Reforma agrária popular

Tradicionalmente, quando ouvimos falar em reforma agrária, pensamos em repartir o latifúndio improdutivo entre famílias sem-terra que desejam viver e trabalhar na terra.

Como vimos, o agro não é composto apenas por grandes fazendeiros. Ele inclui empresários e corporações multinacionais. Assim, a reforma agrária propõe não somente **redistribuir a terra** de forma mais justa, como **mudar toda essa estrutura** que concentra poder e riqueza, envenena a natureza, destrói os ecossistemas, explora e escraviza trabalhadores e trabalhadoras, gera fome e pobreza.

A compreensão de reforma agrária hoje é ampliada: reivindica a criação de assentamentos e vida digna às famílias assentadas, mas, também, a garantia de **políticas públicas e direitos territoriais** a povos indígenas e comunidades tradicionais.

Além disso, a luta é por uma reforma agrária popular porque se relaciona a um outro modelo de produção, baseado na agroecologia, que beneficia moradores do campo e da cidade, ao promover **justiça social, alimentos saudáveis e maior equilíbrio socioambiental**. Por isso, precisa do apoio de toda a sociedade brasileira, que ganharia muito com ela.

Vale lembrar que, ao contrário do que o agronegócio diz, o direito à propriedade privada **não** é sagrado e absoluto. Para exercer esse direito, quem é dono da terra deve produzir em benefício de toda a sociedade, respeitar as leis ambientais e as leis trabalhistas. Está na nossa Constituição que as terras que não cumprem essa **função social** devem ser destinadas à reforma agrária. Você acha que o agro atende todos esses requisitos?

A reforma agrária se coloca, assim, como um imperativo ético e ecológico. ◇



Roda de conversa

Como seria o Brasil se
houvesse uma reforma
agrária popular?



16 Os usos tradicionais do fogo

Para os povos e comunidades tradicionais, o fogo é um **elemento importante na produção da vida** e é utilizado em todos os seus complexos sistemas de produção. Ele contribui para a produtividade e para a manutenção - ou mesmo incremento - da sociobiodiversidade.

Seus usos são bem diversos. Incluem a preparação da terra nas roças; a queima para provocar a rebrota de pastagens nativas e para fomentar o renascimento de capim-dourado, de flores e de outras plantas; o controle de pragas e espinhos nos caminhos; “acordar” sementes que, inclusive, atraem animais.

Nas **roças de toco**, por exemplo, o fogo é usado na limpeza da área onde a plantação será feita. Aceiros são abertos no entorno, para evitar que ele se alastre. As cinzas contribuem para a correção do solo e adubam a terra com uma série de nutrientes. A roça produz e, depois de um tempo, aquele local é deixado em repouso, para que o solo e a vegetação se regenerem.

Nesse modo de produção, o território não se limita àquele espaço da roça, pois **a roça sempre muda de lugar**, com intuito de não alterar o equilíbrio ecológico. Por isso, esse tipo de agricultura também se chama itinerante ou migratória.

Ela é realizada por povos no mundo todo e, no Brasil, recebe também outros nomes, como “roças de toco de capão”, “roças de vazante”, “roças de esgoto”. É também conhecida como agricultura de coivara e agricultura de corte-e-queima.

Há gerações, todas essas técnicas e tecnologias são empregadas de forma bastante **cuidadosa**, comumente em **mutirão**, para evitar que o fogo saia de controle e gere consequências negativas. As acusações de que os incêndios são causados pelos povos indígenas e comunidades tradicionais são uma cortina de fumaça para acobertar os verdadeiros responsáveis.

▼ CONTINUA



Além disso, o fogo também é usado para **prevenir incêndios**. No entorno dos terreiros das casas e de outros espaços, são feitos aceiros bem limpos, para evitar que queimadas avancem. Além disso, em muitos casos, quando um incêndio descontrolado está vindo na direção da comunidade, é usado o **contrafogo**, quando se coloca fogo em um lugar para ir de encontro ao fogo que chega, impedindo que avance.

Todas essas técnicas de manejo, somadas a outras, foram incorporadas pelas brigadas de combate aos incêndios, fomentadas hoje nos territórios como uma política pública pelo Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (Prevfogo).

É o fogo do agronegócio que está ligado à violência, à grilagem, ao desmatamento. Assim, é imperativo diferenciar o fogo usado tradicionalmente pelas comunidades, **gerador de vida**, do fogo capitalista, **gerador de morte e destruição**. ◇

PARA APROFUNDAR:



[AGRO É FOGO] SABERES QUE VÊM DE LONGE: USOS TRADICIONAIS DO FOGO NO CERRADO E AMAZÔNIA *Por Angela May Steward, Antônio Veríssimo da Conceição, Fábio Pacheco, Franciléia Paula de Castro, Geraldo Mosimann da Silva e Paulo Rogério Gonçalves*



[AGRO É FOGO] RESISTINDO AOS INCÊNDIOS: SABERES TRADICIONAIS NAS BRIGADAS INDÍGENAS NO TOCANTINS *Por Antônio Veríssimo da Conceição, Eliane Franco Martins e Jeovane Gomes Nunes*



USO TRADICIONAL DO FOGO



Roda de conversa

Existe fogo mau e fogo bom?
Quais os conhecimentos que
estão associados aos usos do
fogo pelas comunidades?

Por que dizemos que o
fogo é gerador de vida?



17 Terras-Territórios em conexão

Você reparou que, neste dicionário e em outros materiais da Agro é Fogo, não usamos a palavra “bioma”?

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), bioma é um **agrupamento regional de vida vegetal e animal**, em condições parecidas de clima e de solos, e que sofreu os mesmos processos de formação da paisagem³. Os biomas brasileiros seriam: **Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa**.

Acontece que essa definição:

- **reduz:** não leva em conta a **multiplicidade da vida humana e comunitária** que compõe a sociobiodiversidade desses lugares, e que contribuiu para que a fauna e a flora estivessem vivas.
- **separa:** não aponta que essas regiões ecológicas são, na verdade, **terras-territórios em conexão**, dependentes umas das outras.

Ou seja, Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa não existem de forma independente: **eles se conectam**, seja pelas pessoas, seja pelas águas, seja pela flora e pela fauna, por meio de suas áreas de transição.

Além disso, as ações do agro em determinada região impactam diretamente o que acontece em outras. Um exemplo claro disso é a **geografia de pastagens e monoculturas**: o avanço das monoculturas sobre antigas pastagens no Cerrado e no Pantanal, por exemplo, faz com que a criação de gado avance sobre a Amazônia. Não à toa, a pecuária continua sendo a principal causa do desmatamento.

Outro exemplo é que o desmatamento nas chapadas do Cerrado, onde nascem rios como o Paraguai, o Xingu e o São Francisco, impacta a vazão desses rios no Pantanal, na Amazônia e na Caatinga.

Também não podemos criar uma hierarquia de proteção, colocando a Amazônia como mais importante de ser defendida, enquanto Cerrado, Caatinga e outras regiões estão sendo cada vez mais devastadas, como **zonas de sacrifício**. Os outros “biomas” não têm a função de proteger a Amazônia: eles também são territórios ricos em diversidade e vida. ◇

3. Definição simplificada para fins didáticos. Ver mais em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-territorio/19635-ecossistemas.html>



18 Sociobiodiversidade

O uso mais recorrente da palavra **biodiversidade** diz respeito à variedade de seres vivos em determinada região. Mas você sabia que a diversidade das florestas, das matas, dos campos e dos cerrados, da forma como os conhecemos hoje, não são simplesmente fruto do acaso?

Vários estudos têm demonstrado que povos e comunidades tradicionais contribuíram para a **produção da biodiversidade**, ao tirarem seu sustento desses territórios.

Por exemplo, a concentração de castanhais na Amazônia se dá em áreas onde houve a presença de diferentes povos, demonstrando que, de certa forma, podem ter sido cultivados. Até a terra preta da Amazônia teria sido resultado da ocupação humana. Da mesma maneira, nos locais onde as comunidades colocaram roça de toco com uso do fogo, a diversidade de espécies de plantas é maior.

Assim, a biodiversidade **foi sendo construída** pelos povos e comunidades ao longo de séculos e gerações. Por isso, em vez de biodiversidade, preferimos usar o termo **sociobiodiversidade**, que contém em si **saberes e tecnologias** usados pelos povos e comunidades para o uso desses territórios e a produção da diversidade, que proporciona fartura.

As florestas, matas, campos e cerrados são a casa e o “supermercado” dessas comunidades. Assim, a biodiversidade é sempre associada a práticas socioculturais, inclusive a coleta, a caça e a pesca.

A sociobiodiversidade é **fundamental para a vida na Terra**. A pandemia do coronavírus, assim como outras pandemias, estão associadas à perda da diversidade nos locais onde se iniciam. Dessa forma, a luta de povos e comunidades tradicionais pelos seus territórios é uma luta que beneficia toda a humanidade. ◇



Roda de conversa

Depois de tudo que vimos,
qual seria a solução para um
mundo melhor para se viver?



MERGULHE MAIS FUNDO



O que é o Programa de Reforma Agrária Popular do MST?

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/MST (2021)



Dicionário de Agroecologia e Educação

Expressão Popular (2021)



A luta de classes no campo e a luta por Reforma Agrária Popular

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/MST (2020)



Dossiê Soberania Alimentar e Sociobiodiversidade no Cerrado

Campanha Nacional em Defesa do Cerrado (2023)



Biomassas do Brasil: da exploração à convivência

(Ivo Poletto, 2017)

EXPEDIENTE

O QUE É A ARTICULAÇÃO AGRO É FOGO?

A Articulação Agro é Fogo reúne movimentos, organizações e pastorais sociais que atuam há décadas na defesa da Amazônia, Cerrado e Pantanal e seus povos e comunidades. Surgiu como reação aos incêndios florestais e queimadas criminosas que assolaram o Brasil em 2019 e 2020. A articulação denuncia que, no caso dos incêndios, o fogo está ligado à cadeia do agronegócio, à grilagem e ao desmatamento. Além disso, traz o anúncio de povos e comunidades tradicionais que resistem em seus territórios e que utilizam o fogo como gerador de vida, com cuidado e respeito. O objetivo da articulação é qualificar o debate público sobre essa situação, indo além das imagens de satélite e números de desmatamento, para trazer a dimensão do que é vivido no chão da floresta e dos sertões.

Saiba mais: agroefogo.org.br



O AGRO NÃO É TUDO! TERRITÓRIOS DE VIDA RESISTEM!

Dicionário político da Articulação Agro é Fogo

Dezembro/2023

Pesquisa e texto:

Carolina Motoki

Apoio editorial:

*Diana Aguiar,
Ludmila Almeida,
Jaqueline Freitas Vaz,
Rogério Albuquerque Costa,
Valéria Pereira Santos,
Winnie Overbeek*

Colaboração:

*Débora Lima,
Dernival Venâncio,
Ginno Perez*

Projeto gráfico e diagramação:

Leticia Luppi (Estúdio Massa)

Ilustrações:

Mauro Maroto (Estúdio Massa)



As reflexões realizadas neste material contaram com o envolvimento de representantes de movimentos, organizações e pastorais sociais que compõem a Articulação AGRO é FOGO, assim como de pessoas dos territórios e das comunidades, e de autores dos artigos do dossiê.

Agradecemos a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado por ter cedido as ilustrações das páginas 10, 15, 29, 32 e 38 extraídas do material “Saberes dos povos do Cerrado e biodiversidade”.



Realização

